

EMBAIXADOR DO IRÃO NO VATICANO ACEITA MATAR O ESCRITOR RUSHDIE

O embaixador do Irão no Vaticano, Salman Ghaffari, manifestou-se ontem disposto a cumprir a ordem de liquidar o escritor britânico Salman Rushdie. A declaração foi feita pelo diplomata no final de uma audiência com o Papa João Paulo II, a quem pediu que usasse a sua influência para suspender a difusão do romance de Rushdie «Os Versos Satânicos».

OBRIGAÇÕES DE UM MUÇULMANO

Inquirido sobre se estaria na disposição de matar Rushdie, Ghaffari respondeu: «Sou um muçulmano e todo o muçulmano é chamado a levar a cabo a sentença», proferida por Khomeini.

Já é declarações a uma revista italiana Ghaffari se mostrara determinado a cumprir a ordem.

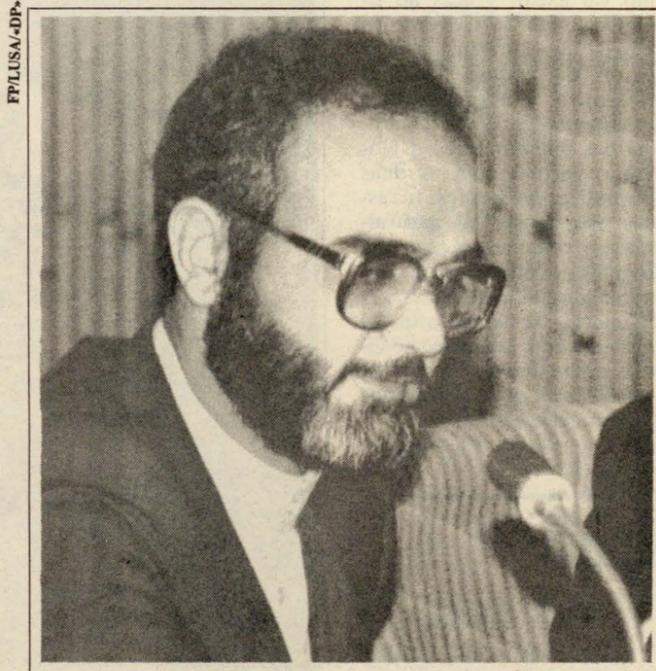
Começam, entretanto, a ser conhecidas reacções de dirigentes internacionais a esta campanha de fanatismo desencadeada pelo Irão contra Rushdie por motivo da publicação de «Os Versos Satânicos», um romance que

os fundamentalistas consideram «blasfemo».

O primeiro-ministro francês, Michel Rocard, apelou para os dirigentes ocidentais a fim de que façam ouvir o seu protesto pelas ameaças de Khomeini contra o escritor.

«Gostaria — disse Rocard — que todos os dirigentes mundiais se unissem para condenar isto. Nós próprios lutamos pelos direitos humanos ao juntarmo-nos a esta condenação.»

Por seu turno, o ministro francês dos Negócios Estrangeiros, Roland Dumas, confessou-se «escandalizado», e asseverou que a França «não admite que se possa usar o respeito pelo sentimento re-



O MINISTRO IRANIANO da Economia, Mohammad Javad, ao fazer um apelo para que todas as nações muçulmanas congreguem esforços contra o escritor Sulman Rushid

ligioso para atacar liberdades fundamentais».

O Parlamento Europeu condenou as ameaças do «ayatollah» e pediu a adopção de severas sanções caso

algum atentado venha a ser perpetrado contra Rushdie.

No Luxemburgo, o secretário de Estado norte-americano, James Baker, considerou «lamentável» a oferta

iraniana de uma «recompensa» a quem matar o escritor e reafirmou o empenho do seu país no combate «a todas as formas de terrorismo».

No mesmo tom, um porta-voz da Secretaria de Estado disse, em Washington, serem «completamente irresponsáveis» as ameaças de Khomeini. «Não vejo como isto possa de alguma forma contribuir para melhorar as relações iraniano-norte-americanas» — observou.

O secretário-geral das Nações Unidas, Perez de Cuellar, recusou-se a comentar o apelo de Khomeini, frisando que, apenas, conhecia do assunto, por agora, «o que foi noticiado pela Imprensa».

Um jornalista perguntara a Cuellar como encarava o facto de «um Estado membro» apelar para o assassinio de Rushdie.

Na Índia, as autoridades intensificaram as medidas de segurança na sequência de ameaças de bomba contra aviões das linhas aéreas britânicas.

A British Airways efectua 52 voos semanais de e para a Índia.

Dissidência na China

Um grupo de 33 intelectuais chineses enviou uma carta aos dirigentes do Partido e do Estado, apoiando o apelo do astrofísico Fang Lizhi a favor de uma amnistia geral para os presos políticos. Os signatários afirmam que a libertação de Wei Jingsheng, o mais conhecido dos promotores do movimento democrático da Primavera em 1978 e dos restantes presos políticos, «beneficiará o processo de reformas e incrementará o respeito pelos direitos humanos». Fang Lizhi, um dissidente conhecido como o «Sakharov chinês», escreveu no passado dia 6 de Janeiro ao líder Deng Xiao Ping, apelando para a libertação de todos os presos políticos mas a única resposta que obteve foi um comentário de um porta-voz oficial que dizia que não existe presos políticos na China.

Stroessner

O ex-presidente paraguaio, general Alfredo Stroessner, comentou poder regressar ao seu país depois das eleições de 1 de Maio. Stroessner disse aos funcionários que o apoiam que permanecerá no Brasil até ao anúncio dos resultados eleitorais no Paraguai.

Carlos nos EUA

O príncipe Carlos, herdeiro do trono britânico, seguiu, ontem, para Nova Iorque a fim de fazer uma digressão de dez dias pelos Estados Unidos, Caraíbas e América do Sul. Durante a sua visita privada a Nova Iorque, o príncipe, de 40 anos, irá oferecer um jantar aos norte-americanos que fizeram a sua pós-graduação na Grã-Bretanha e destinou os dias de amanhã e domingo para jogar pólo na Florida.

Explosão em Toulon

Catorze cadáveres já foram encontrados nas ruínas do edifício destruído, na quinta-feira, por uma explosão na cidade francesa de Toulon. As equipas de socorro continuam a tentar localizar possíveis vítimas soterradas nos escombros do edifício, classificado como monumento histórico nacional.

Telexes das agências Lusa, EFE e AP

Livros proibidos e queimados

Salman Rushie é o mais recente de uma longa fila de autores cujos livros desapareceram em chamadas ou foram proibidos, incluindo clássicos como Charles Darwin e James Joyce.

Outros foram, também, ameaçados de morte, tal como Rushdie, condenado a morrer pelo líder iraniano «ayatollah» Khomeini.

«Queimar livros é a mais poderosa forma de crítica literária» — disse Geoffrey Stowe, decano da Faculdade de Direito da Universidade de Chicago.

A acção dos muçulmanos que queimaram, na Inglaterra, «os versos satânicos» de Rushdie foi «muito, muito mais do que uma expressão de desgosto. Ao queimarem o livro, limpavam-se de uma doença».

Muçulmanos de todo o Mundo condenaram «os versos satânicos» por blasfêmia ao profeta Maomé, acusação repudiada pelo escritor britânico nascido na Índia. Um chefe religioso iraniano ofereceu até três milhões de dólares a quem matar Rushdie.

Ao longo da História, a religião foi, frequentemente motivo para proibição e queima de livros e mesmo dos seus autores.

Escritores e os seus livros foram queimados pela Inquisição espanhola, no século XVI, para limpeza da heresia e erradicação do judaísmo e do protestantismo. Na Itália medieval, autores correram riscos por ofensa aos líderes religiosos.

Somente há vinte e quatro anos é que a Igreja Católica acabou com o seu «index dos livros proibidos», um índice dos títulos que seria pecado ler.

Até 1984, quando Roma perdeu o seu estatuto oficial de Cidade Santa, poderiam ser proibidos livros, peças e

filmes considerados ofensivos do ponto de vista religioso.

Qin Shi Huangdi, o primeiro imperador chinês, proibiu as obras confucianas e outros textos que contestavam o seu regime. E, no ano 213 a. C., começou a «queima dos livros».

Guardas Vermelhos destruíram bibliotecas inteiras durante a revolução cultural chinesa do fim da década de 60.

A maior pira de livros de que há registo na História foi a do regime nazi de Hitler em 1933.

Foram queimados em pilas livros por toda a Alemanha. Muitas obras hebraicas foram queimadas, tal como livros de autores de expressão germânica que eram

considerados «não alemães».

Nos Estados Unidos, cristãos fundamentalistas das regiões do Midwest e do Sul queimaram livros que pretendiam que fossem proibidos nas escolas e bibliotecas. Um dos seus alvos foi o livro de Charles Darwin sobre a teoria da evolução porque, na sua opinião, contradizia a «Bíblia».

Outro autor muito censurado foi James Joyce, cujo épico «Ulisses» só surgiu nos Estados Unidos em 1933.

Um dos casos mais recentes de queima oficial de livros foi em Novembro de 1986, quando o Governo chileno proibiu e mandou queimar 15 mil livros do laureado com o Nobel Gabriel Garcia Marquez.

MUNICÍPIO DO SEIXAL

COM A POPULAÇÃO PARA DEFENDER ABRIL

CONCURSO PÚBLICO PARA A EMPREITADA DE EXECUÇÃO DO GINÁSIO DO INDEPENDENTE FUTEBOL CLUBE TORRENSE, TORRE DA MARINHA, 1.ª FASE

Deliberou a Câmara Municipal do Seixal, na sua reunião ordinária de 3 de Fevereiro de 1989, prorrogar o prazo para entrega de propostas e consequentemente a alteração da data da realização do acto público do Concurso, referentes ao concurso público indicado em epígrafe, publicado no Diário da República, III.ª Série, em 19 de Janeiro de 1989, sob o número 16.

Assim, o prazo para entrega das propostas, deixa de ter o seu termo no dia 20 de Fevereiro de 1989, passando este para o dia 13 de Março de 1989.

O Acto público do concurso será na Reunião Ordinária de Câmara, de dia 17 de Março de 1989, tendo o seu início pelas 15.00 horas.

NOTA: Seguiu para publicação na III Série do Diário da República

Paços do Município do Seixal, 3 de Fevereiro de 1989.

O Presidente da Câmara,
Eutrázio Filipe Garcês José



zona livre de armas nucleares

câmara municipal do seixal

PETROGAL

ALTERAÇÃO DOS NÚMEROS DE TELEFONE

A PETROGAL informa que devido a alterações da central telefónica dos T.L.P., a partir do dia 18 do corrente, os números dos Telefones da Sede da Empresa (Rua das Flores, 7) passam a ser os seguintes:

- 347 43 30
- 346 12 81
- 346 31 31